

**MOTE:**

*As janelas do meu quarto*

Tenho 40 janelas,  
Nas paredes do meu quarto

*As janelas do meu quarto*

Tenho quarenta janelas,  
nas paredes do meu quarto,  
sem vidros nem bambinelas,  
posso ver através delas,  
o mundo em que me reparto.

Por uma entra a luz do sol,  
por outra a luz do luar,  
por outra a luz das estrelas,  
que andam no céu a rolar.

Por esta entra a Via Láctea,  
como um vapor de algodão,  
por aquela a luz dos homens,  
pela outra a escuridão.

Pela maior entra o espanto,  
pela menor a certeza,  
pela da frente a beleza,  
que inunda de canto a canto.

Pela quadrada entra a esperança,  
de quatro lados iguais,  
quatro arestas, quatro vértices,  
quatro pontos cardeais.

Pela redonda entra o sonho,  
que as vigias são redondas,  
e o sonho afaga e embala,  
à semelhança das ondas.

Por além entra a tristeza,  
por aquela entra a saudade,  
e o desejo, e a humildade,  
e o silêncio, e a surpresa.

E o amor dos homens, e o tédio,  
e o medo, e a melancolia,  
e essa fome sem remédio,  
a que se chama poesia.

E a inocência, e a bondade,  
e a dor própria, e a dor alheia,  
e a paixão que se incendeia,  
e a viuvez, e a piedade.

E o grande pássaro branco,  
e o grande pássaro negro,  
que se olham obliquamente,  
arrepiados de medo.

Todos os risos e choros,  
todas as fomes e sedes,  
tudo alonga a sua sombra,  
nas minhas quatro paredes.

Oh janelas do meu quarto,  
que vos pudesse rasgar,  
com tanta janela aberta,  
falta-me a luz e o ar.

**MOTE:**

*Pedra Filosofal*

Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida

Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso,  
como este ribeiro manso  
em serenos sobressaltos,  
como estes pinheiros altos  
que em verde e oiro se agitam,  
como estas aves que gritam  
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho  
é vinho, é espuma, é fermento,  
bichinho álaçre e sedento,  
de focinho pontiagudo,  
que fossa através de tudo  
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho  
é tela, é cor, é pincel,  
base, fuste, capitel,  
arco em ogiva, vitral,  
pináculo de catedral,  
contraponto, sinfonia,  
máscara grega, magia,  
que é retorta de alquimista,  
mapa do mundo distante,  
rosa-dos-ventos, Infante,  
caravela quinhentista,  
que é Cabo da Boa Esperança,  
ouro, canela, marfim,  
florete de espadachim,  
bastidor, passo de dança,  
Colombina e Arlequim,  
passarola voadora,  
pára-raios, locomotiva,  
barco de proa festiva,

alto-forno, geradora,  
cisão do átomo, radar,  
ultra-som, televisão,  
desembarque em foguetão  
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida.  
Que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.

*Movimento Perpétuo, 1956*  
António Gedeão